



1.10 • Conjuntura Internacional

O blefe de Cameron: uma análise a partir do realismo trágico

CONDUZ-SE UMA BREVE análise teórica das perspectivas do realismo trágico sob o fenômeno do BREXIT, propondo-se a fundação de uma teoria política intitulada precisamente realismo trágico.

Partindo de premissas e categorias analíticas do pensamento filosófico de portentosos autores – Aristóteles, Maquiavel, Hobbes, Schopenhauer ou Nietzsche – reforça-se e estrutura-se a lógica operante da teoria.

É uma tentativa ousada do ponto de vista intelectual e que procura ser um instigante produto acadêmico. Compreendemos e percebemos que na contemporaneidade há uma complexa relação entre as áreas de saber – ciência, arte, filosofia – e buscamos borrar as fronteiras que compartimentam a inteligibilidade do mundo, considerando fundamental estreitar essa relação.

É um exercício de pensamento e criação capaz de gerar diferentes formas de conhecimento pois, ao trazermos para a Ciência Política o conhecimento produzido pela arte, ampliamos as fronteiras do conhecimento e agregamos novas potencialidades para essa área de saber.

Política como tragédia ou tragédia da política

Na busca da compreensão da *política como tragédia* ou *tragédia da política*, utilizamos a criatividade e o rigor no esquema teórico para demonstrar as limitações e as possibilidades da política.

Partimos do pressuposto que a política é um reino portador de carga de negatividade para o indivíduo e para o coletivo, ao mesmo tempo em que é uma esfera de viabilidade para a vida em sociedade.

Assim, embora a política procure atender às necessidades dos indivíduos e das sociedades, a sua realização também pode ser danosa para essas entidades. O paradoxo, o conflito insolúvel, a imprevisibilidade, a incerteza, o desespero e a vontade da potência são traços característicos desse pensamento trágico na política. A política, portanto, é permeada pela violência, guerra, o perigo de ruptura, as sombras da usurpação e a “líquida instabilidade”.

De acordo com Rinesi (2009: 15) “o pensamento trágico possui um conjunto de chaves de compreensão das coisas que pode ser de grande ajuda a um pensamento que se proponha a pensar a política” e para Chaia (APUD Silveira, 2012), o conceito de política como tragédia aponta para a persistência das tensões tanto no cotidiano quanto na política, pois na vida e sociedade os conflitos são agônicos.

Ainda de acordo com Silveira (2012), a política como tragédia aponta para a insuficiência das

práticas políticas e clarifica que o governante (ou o indivíduo) não tem controle absoluto das suas ações. As incertezas e o descontrolo do jogo político revelam a dimensão trágica da/na política.

O reconhecimento da tragédia

A imprevisibilidade e o descontrolo fazem parte das conjunturas políticas e, também, da existência. Qualquer sujeito que age em busca do poder político é introduzido num embate, tendo, de um lado, o desejo e a determinação humana, e, de outro, um processo baseado na razão de Estado,

“O paradoxo, o conflito insolúvel, a imprevisibilidade, a incerteza, o desespero e a vontade da potência são traços característicos desse pensamento trágico na política.”

portador de uma lógica própria e imperiosa. De acordo com Silveira (2012), a política, pensada como tragédia, é vista com as seguintes premissas:

- a) visão pessimista da natureza humana,
- b) convicção de que a política é necessariamente conflituosa,
- c) a tragédia da política está sempre presente no jogo e na disputa pelo poder,
- d) coalizões e intrigas palacianas são instrumentos da conquista e da manutenção do poder,
- e) a conquista pelo poder é um traço marcante da política, principalmente por meios considerados “ilegítimos”.

Reconhecer a tragédia na política é perceber a presença do acaso e pela necessidade de evitar o que, na verdade, é inevitável: “O olhar contemporâneo para o trágico é um exercício, uma ins-

**José Renato Ferraz da Silveira
Leonardo Miglioranza Castagna**

piração e uma tarefa a ser assumida, para além de seus paradigmas tradicionais” (Steiner, 2006: 15). Na tragédia da política coexistem continuidade e ruptura, ordem e caos. No caso que analisaremos, vemos a tragédia da ação “que se refere à circunstância de que as capacidades desse ator político se encontram sempre num conflito, de resultado incerto, com que a história apresenta de contingente e de imprevisível” (Rinesi, 2009, p. 32).

Cameron leu Balzac?

Nas palavras de Silveira (2015), Honoré de Balzac afirma que o homem superior apoia fatos e circunstâncias a fim de guiá-los. Se houvesse princípios e leis fixas, as nações não as mudariam como mudamos de camisa, e não se pode esperar de um homem que seja mais sábio do que uma nação inteira.

Em algum momento de sua vida, o ex-primeiro-ministro britânico David Cameron deve ter lido essa passagem do prolífico escritor francês Balzac.

Percebemos, nesse entendimento, que a política pendula entre o desejável e o possível. Notamos que a ação do político é da ordem do possível enquanto o desejo da esfera cidadã é da ordem do desejável.

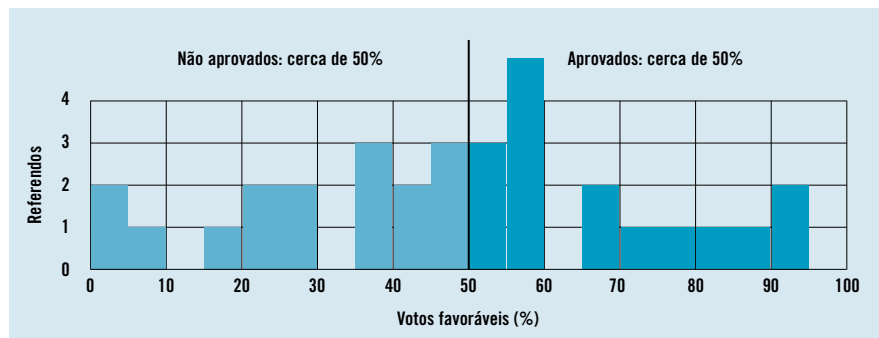
Cameron acreditava – de modo categórico – que o Brexit seria derrotado. Não cogitava a derrota e tinha a “percepção ilusória” que sairia fortalecido nesse processo.

Segundo Silveira (2015) na política como no poker (jogo em que o blefe também é uma estratégia), não existem “princípios”; apenas fatos. Não existe o bem e o mal, apenas circunstâncias.

O desejável e o possível

A tragédia da política indica a contradição insuperável entre o desejável e o possível.

É uma condição inerente à política, aos fracassos e às barreiras e sob este aspecto, vemos a tragédia da/na política.



Os referendos também se perdem. Resultados de trinta e seis referendos oficiais convocados por governos ou parlamentos em países da OCDE (1993-2014). Fonte: Pérez Colomé & Liñeras (2016).

A essência da tragédia na política está na tensão entre suficiência e insuficiência para permitir um futuro esperançoso. A fonte principal da tragédia na política está precisamente na queda de homens famosos. Portanto, o reino da política caracteriza-se pelas (des)ordenadas crises (ciclo de poder – alternância de enfraquecimento e fortalecimento de autoridade) em que um grupo de indivíduos se deparam e a busca de soluções por parte destes homens que atuam no círculo governamental.

No caso em análise, em campanha para se reeleger, Cameron apostou no plebiscito por razões eleitorais e intensa pressão do seu partido, a ala mais conservadora, e contra a UE.

Por um lado, Cameron queria fortalecer a sua imagem de líder perante o eleitorado, por outro, agradar e satisfazer o lado mais extremista do Partido Conservador.

Ao lançar o plebiscito, não avaliou os riscos, a possibilidade de perda, o mesmo é dizer que o confronto e a imprevisibilidade são dois polos de forças presentes na atividade política.

Esse elemento é imprescindível na perspectiva do realismo trágico e trouxe os resultados conhecidos nas eleições: Cameron blefou e perdeu. Foi obrigado a renunciar e a sua reputação como líder ficou manchada.

Haverá seguidores?

Com a saída do Reino Unido, é bem possível que novos plebiscitos devam ocorrer na Europa, embora seja difícil formular prognósticos.

No realismo trágico, a partir da perspectiva em que as forças do acaso são determinantes, há

uma dificuldade de predição e projeção de cenários. A política é marcada pela indeterminação. Seguindo Silveira (2015), o efeito dominó está lançado e, sem dúvida, a própria fragmentação do Reino Unido está em ameaça potencial - Escócia e Irlanda do Norte – sem falar da versão francesa de Nigel Farage - Marine Le Pen – para quem todos os olhares estão lançados.

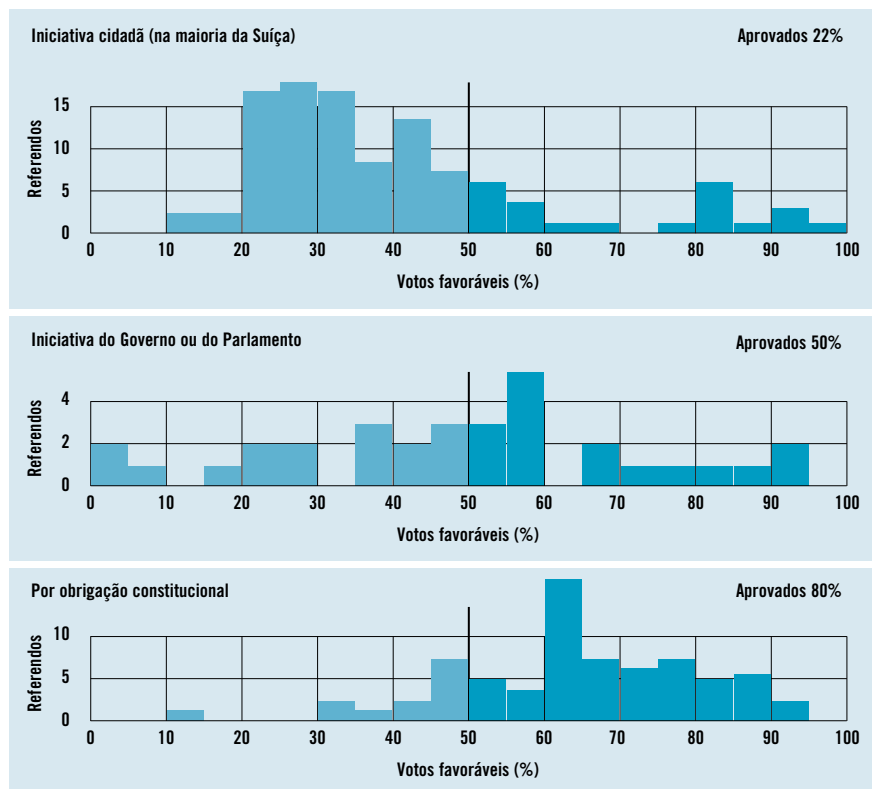
A emergência de uma posição conservadora

Os ventos do conservadorismo apoiados em nacionalismo e xenofobia chegaram na Europa e não devem mudar de direção, verificando-se igualmente a presença de uma onda conservadora no mundo ocidental: partidos de tendência conservadora e neoliberal vencem as eleições na América Latina e Donald Trump torna-se presidente nos Estados Unidos, com um discurso populista, baseado no nacionalismo e na xenofobia, o republicano Trump venceu a democrata Hillary Clinton no pleito presidencial para surpresa dos analistas.

Novamente lemos e ouvimos que muitos analistas apressados atestam mais uma certidão de óbito ao bloco criado no rescaldo da II Guerra Mundial para fomentar a paz e a cooperação entre as nações do continente europeu, depois de séculos de conflitos.

É mais um desafio com que a União Europeia tem de lidar, ficando sob ameaça o maior bloco e processo de integração regional da humanidade. No Editorial da RBS publicado no Diário de Santa Maria sob o título *Um golpe na globalização* lê-se que “A decisão britânica assusta o mundo, fere

a globalização e deixa em estado de alerta todos os que acreditam na união de povos como fator de desenvolvimento”, e a propósito das eleições de Outubro na Colômbia Jean Manimat diz que “Ciertamente el «pueblo» habló y lo hizo democráticamente. Pero los pueblos sufren la pulsión de «autosuicidarse» en las urnas de votación, sea en inglés o en español. Es una constante del realismo trágico”. ■



Referendos segundo quem os convoca. Resultados de 213 referendos em países da OCDE (1993-2014).

Fonte: Pérez Colomé & Llaneras (2016).

Referências

Chaiá, M. (2007). *Arte e política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial.

Manimat, J. (2016). Realismo trágico. *El Universal* (7 Out), disponível em http://www.eluniversal.com/noticias/opinion/realismo-tragico_621274.

Pérez Colomé, J. & Llaneras, K. (2016). Por qué los gobiernos pierden referendums: la historia muestra que este tipo de consultas a menudo no se gana. *El País* (5 Dic.), disponível em http://internacional.elpais.com/internacional/2016/10/04/actualidad/1475539042_056537.html.

Resultado britânico gera onda de pedidos por plebiscitos na UE (2016). *BBC Brasil* (24 jun.), disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36617117>.

Rinesi, E. (2009). *Política e tragédia: Hamlet, entre Hobbes e Maquiavel*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Rowley, T. (2016). Mandelson's Brexiters: Mutiny in Labour's home port. *The Telegraph* (12 Jul.), disponível em <http://s.telegraph.co.uk/graphics/projects/mandelsons-brexiters/index.html>.

Silveira, J. R. F. S. (2012). *A tragédia da política em Ricardo III*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue.

Silveira, J. R. F. S. (2016). O blefe de Cameron. *Diário de Santa Maria* (25-26 jun.), p. 4.

STEINER, G. (2006). *A morte da tragédia*. São Paulo: Perspectiva.

Tahirali, J. (2016). Brexit by the numbers: Who voted to leave the EU? (24 jun.), disponível em <http://www.ctvnews.ca/world/brexit-by-the-numbers-who-voted-to-leave-the-eu-1.2960810>.

Um golpe na globalização (2016). *Diário de Santa Maria*, (25-26 jun.), p. 4.